

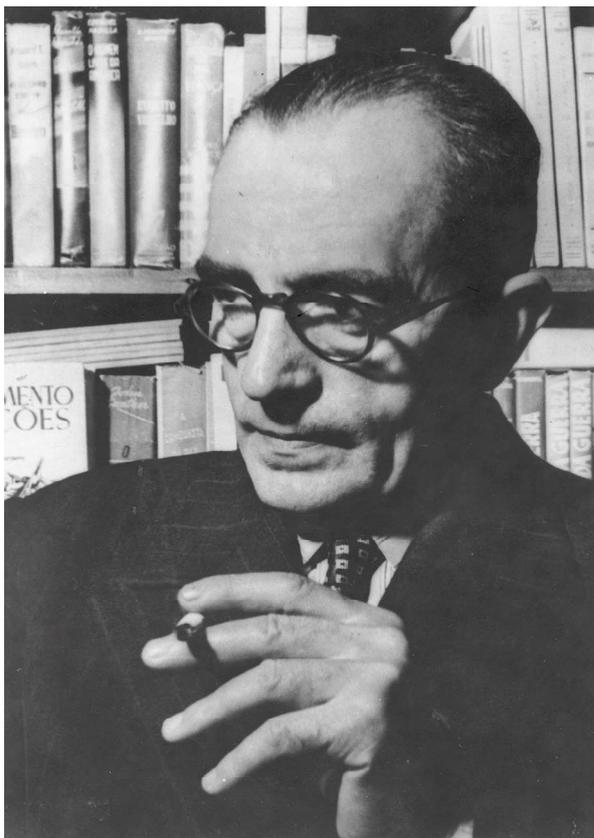


Angústia

Graciliano Ramos



GRACILIANO RAMOS



Graciliano Ramos nasceu em 1892, na cidade de Quebrangulo (AL). Morou com sua família em várias cidades do interior de Alagoas e de Pernambuco. Ele sempre gostava de contar histórias para os frequentadores da venda do pai.

Sua família era de classe média e Graciliano teve o privilégio de estudar. A vivência do sertão nordestino ajudou-o muito na inspiração para suas obras. Graças ao fato de sentir a vida que o sertão oferecia, acabou por basear suas obras abordando aquilo que era do seu cotidiano. Grande parte de sua infância foi vivida na cidade de Buíque, no Estado de Pernambuco. Ainda residiu em Viçosa, em Alagoas. Contudo, concluiu seus estudos na capital alagoana, sem cursar o ensino superior.

Em 1927, Graciliano Ramos tornou-se prefeito de Palmeira dos Índios (AL) e, em 1933, estreou com a publicação de *Caetés*. Em 1936, foi preso em Maceió por ser comunista e levado para o Rio de Janeiro. Lá, não recebeu acusação formal ou julgamento e, por isso, sofreu diversas privações que abalaram sua saúde. Nessa época, escreveu a obra de denúncia à ditadura de

Getúlio Vargas, bem como de sua experiência como preso político: *Memórias do cárcere* (1953). Depois de solto, quase que como uma provocação, filiou-se ao Partido Comunista. Graciliano manteve-se fiel ao cenário regional do Nordeste, permaneceu no Rio de Janeiro, mas nunca descreveu qualquer paisagem da cidade durante dezessete anos. Depois de descobrir que estava com câncer, chegou a operar em Buenos Aires, mas não se curou e morreu em 1953.

No mesmo ano da publicação de *Memórias do cárcere*, o célebre romance *Vidas secas* foi escrito e publicado. É considerada como a obra mais importante de Graciliano Ramos.

Do ponto de vista da complexidade e da profundidade psicológica, *Angústia* se destaca entre todas as outras obras de Graciliano Ramos, pois é o seu romance mais tecnicamente complexo. É a história de um frustrado, Luís da Silva, homem tímido e solitário, que vive entre dois mundos com os quais não se identifica. Produto de uma sociedade rural em decadência, Luís da Silva alimenta um nojo impotente dos outros e de si mesmo. Apaixonado por uma vizinha, Marina, pede-a em casamento e lhe entrega as parcas economias para um enxoval hipotético. Surge Julião Tavares, que tem tudo o que falta a Luís: ousadia, dinheiro, posição social, euforia e uma tranquila inconsciência. A fútil Marina se deixa seduzir sem dificuldades, e Luís, amargurado, vai nutrindo impulsos de assassinio que o levam, de fato, a estrangular o rival.

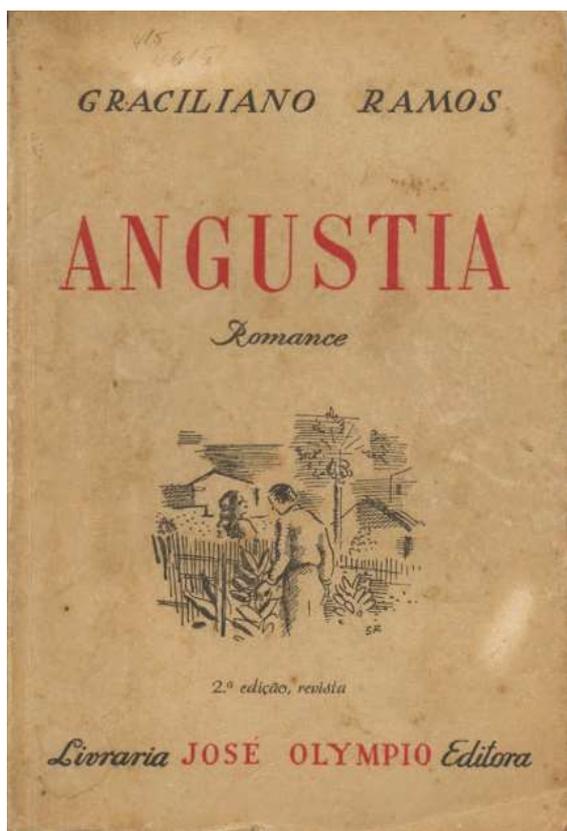
Características de sua obra

Graciliano Ramos caracterizava suas obras nas relações humanas, além de reafirmar fortes críticas em relação ao descaso com as áreas mais sofridas do sertão nordestino:

- Identidade nacional;
- Contexto biográfico: aspectos vivenciados no nordeste brasileiro;
- Prosa "seca", firme e crítica;

- Antropomorfização e humanização de personagens não humanas, como a cadela Baleia, em *Vidas secas*;
- Em um primeiro momento, dá voz às relações humanas e, num segundo momento, às paisagens retratadas.

ANGÚSTIA



Contexto

Angústia é um romance publicado por Graciliano Ramos, no ano de 1936, e que pertence à segunda geração modernista, conhecida como “Regionalista” ou “Geração de 30”. Foi justamente na época em que estava preso pelo governo de Vargas, e contou com a ajuda de amigos para a publicação, como é o caso do escritor José Lins do Rego.

Apesar de *Vidas secas* aparecer como o grande marco da carreira do alagoano Graciliano, *Angústia*, romance ignorado por parte da crítica na época do lançamento (1936), é considerada uma das obras-primas do autor, que entrega ao leitor uma leitura densa sob o ponto de vista do narrador Luís da Silva.

Para um melhor entendimento do romance *Angústia*, alguns dados são de fundamental importância, como os questionamentos abordados na narrativa de Luís da Silva.

- O existencialismo, uma corrente filosófica e literária que destaca a liberdade individual, a responsabilidade e a subjetividade do ser humano. O existencialismo considera cada homem como um ser único, que é mestre dos seus atos e do seu destino.
- Após a Segunda Guerra Mundial, uma corrente literária existencialista contou com Albert Camus e Boris Vian, além de Sartre. É importante notar que Albert Camus, filósofo além de literato, ia contra o existencialismo, sendo este somente característica de sua obra literária. Vian definia-se patafísico.

Durante a existência, à medida que se experimentam novas vivências, redefine-se o próprio pensamento (a sede intelectual, tida como a alma para os clássicos), adquirindo-se novos conhecimentos a respeito da própria essência, caracterizando-a sucessivamente.

Vale ressaltar que Graciliano Ramos vai manter contato com a literatura de Camus ao traduzir um dos seus romances. Na leitura de *Angústia*, podemos perceber claramente que Luís da Silva enxerga a vida como uma série de lutas. O indivíduo, no existencialismo (e no romance) é forçado a tomar decisões e, frequentemente, as escolhas são ruins.

Intertextualidade

A crítica aponta uma interessante intertextualidade nesta obra, o leitor certamente poderá fazer uma associação com o livro *Crime e castigo*, de Dostoiévski, pois, tanto em um como no outro há as angústias de um crime, o medo de ser pego.

Em *Angústia*, o crime é o clímax; já em *Crime e castigo*, é o ponto de partida para a história, e a personagem consegue a redenção. Outra influência marcante é a dos naturalistas brasileiros, especialmente a de Aluísio Azevedo, o determinismo e a animalização do homem. O narrador não quer ser um rato, luta contra

isso; compara-se o tempo todo os homens aos bichos, porcos, formigas, ratos, e usa-se verbos de animais para as reações humanas.



Temas e principais conflitos

Por ser o mais importante ficcionista da Geração de 30, o realismo de Graciliano tem sempre caráter crítico – o herói é sempre problemático e não aceita o mundo, nem os outros e nem a si mesmo.

- Romance de confissão – livro escuro e sombrio
- Economia vocabular – a palavra que corta como faca

- Estudo completo da frustração
- Sem predomínio de regionalismo
- A paisagem interessa à medida que interage com o psicológico

“Ainda não disse que moro na rua do Macena, perto da usina elétrica. Ocupado em várias coisas, frequentemente esqueço o essencial. Que, para mim, a casa onde moramos não tem importância grande demais. Tenho vivido em numerosos chiqueiros. Provavelmente esses imóveis influíram no meu caráter, mas sou incapaz de recordar-me das divisões de qualquer deles. Não esperem a descrição destas paredes velhas que Dr. Gouveia me aluga, sem remorso, por cento e vinte mil-réis mensais, fora a pena de água.”

Simbologia

Pode ser resumido como o relato de um crime cometido por um intelectual, Luís da Silva, um homicídio contra o rival Julião Tavares, que lhe roubara a mulher amada, Marina, às vésperas de um casamento planejado. Há alguns símbolos citados com frequência no romance, como a corda, a cobra e os ratos.



De acordo com pesquisas no *Dicionário de Símbolos Literários*:

- a cobra, além de apresentar o fállico, um constante confronto pessoal do personagem protagonista, vai ainda representar a falsidade;
- a corda, assim como a cobra, representa, de certa forma, o fállico, portanto, fornece também uma ideia de busca da redenção, salvação, e
- os ratos representam a sujeira que o personagem enxerga à sua volta e a já citada necessidade de uso da água, para lavar a sujeira que lhe toma.

Foco narrativo

A obra apresenta um narrador em primeira pessoa, Luís da Silva, funcionário público de 35 anos, solitário, desgostoso, que mescla fatos do passado e do presente, narrando num ritmo rápido, o que pode ser considerado um grande monólogo interior.

A narrativa de *Angústia* traz total estranhamento em seu primeiro contato: é um romance que requer bastante atenção e cautela do leitor, visto que há fluxo de consciência em boa parte da história, além das diversas temáticas existentes na trama, que passeiam desde o existencialismo aos constantes símbolos e, concomitantemente, abrindo espaço para uma narrativa primorosamente cinematográfica.

O romance é narrado em tom confessional e memorialista. Por fins didáticos, alguns críticos atribuem-lhe um lugar na trilogia densa e fortemente existencialista, completada por *Caetés* (1933) e *São Bernardo* (1938). Os três romances, narrados em primeira pessoa, apresentam personagens num intenso conflito, buscando respostas para seus atos, indagando o porquê dos acontecimentos que os afligem. Tais narrativas são semelhantes a diários íntimos. Em cada um deles, o narrador se desnuda e se desvenda, expondo as dolorosas confissões de culpas dramáticas.

Memória

O romance parece ser pura memória, uma espécie de diário no qual se registram, de maneira caótica, alucinada e aleatória, os fatos que magoaram o narrador. Some-se a isso a culpa que sente pelo ato cometido e, por fim, acrescente-se a tudo a mágoa que, pouco a pouco, se transforma em rancor contra a mulher que um dia amou e quis para si. O que Graciliano Ramos capta em seus livros em primeira pessoa não é a ambiência do nordeste ressequido: é o interior dos seres em conflito, de seus desajustes com o mundo que lhes deve algo que procuram como resposta a si mesmos.

Nesse romance, o centro de onde procede a descrição e a compreensão dos demais personagens é evidentemente Luís da Silva. Esses personagens serão compreendidos dentro do pensamento dele, em cujo íntimo nos colocamos desde o início da narrativa. Para

justificar essas afirmações, podemos tomar como exemplo a descrição de Marina, a vizinha nova do narrador, por quem ele irá se apaixonar:

“Era uma sujeitinha vermelhaça, de olhos azuis e cabelos tão amarelos que pareciam oxigenados”

(*Angústia*, 1998)

Ao longo da narrativa, Luís da Silva vai caracterizando Marina como uma mulher vulgar, muito jovem e ambiciosa ao extremo. Marina existe apenas em imagem, o que significa que a descrição dela faz parte essencialmente da compreensão que obtemos através de Luís da Silva, adquirimos a respeito dela um conhecimento que é fruto das informações que nos são dadas por ele. Luís da Silva vê Marina sentimentalmente, ou seja, em função do sentimento que nutre por ela. Nós vemos Marina “com” ele.

Quando o narrador, Luís da Silva, analisa um determinado personagem ou uma determinada situação, não se trata de uma análise impessoal, e sim uma análise afetada por sua interioridade; assim, recebemos dele a imagem que concebe dos outros. O modo como ele analisa Julião Tavares, Marina, seu Ramalho, dona Adélia, seu Ivo, o pai, o avô, entre outros personagens é sempre afetado pela sua visão subjetiva: vemos os outros “com” ele e a partir dele. No romance *Angústia*, quando o personagem central se encontra com um outro protagonista, tudo que é narrado faz parte da compreensão deste personagem. Num romance “com” são as inúmeras impressões do personagem que nortearão a narrativa.

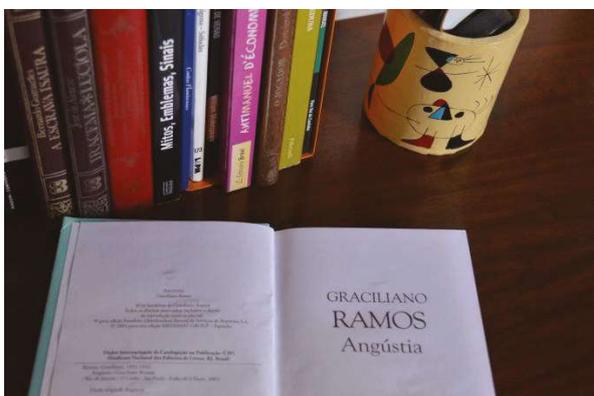
Podemos classificar o narrador como narrador-protagonista, pois aparece representado por um personagem que conta sua própria história, em primeira pessoa, narra a história de um centro fixo e, por não ter acesso ao estado mental das demais personagens, fica limitado exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos. É justamente esse tipo de narrador que Graciliano Ramos utiliza na construção do romance. Em *Angústia*, é do ponto de vista do personagem, Luís da Silva, que tudo é visto e narrado, a narrativa está centrada neste personagem, ele é o centro do relato e o leitor verá as outras personagens e seguirá a história ancorada nele. Diante disso, temos no romance uma abordagem interna, pois Luís da Silva conta sua própria história, o que faz com que tenhamos representada na

obra uma visão mais restrita, tendo em vista que a finalidade do narrador é narrar a si mesmo.

Angústia é um relato desesperado, cuja tentativa do narrador é colocar em ordens os fatos da vida, que está estilhaçada, sem rumo e objetivos. *Angústia* é um grito de dor: a decepção amorosa, o ciúme, o desejo contido e humilhado e a mulher escolhida pertencendo a outro ser. O ódio pela perda gera o crime, o assassinato que transtorna o narrador e o põe doente, após matar o oponente:

“Retirei a corda do bolso e em alguns saltos, silenciosos como os das onças de José Bahia, estava ao pé de Julião Tavares. Tudo isto é absurdo, é incrível, mas realizou-se naturalmente. A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejo, braços a debater-se. Exatamente o que eu havia imaginado. O corpo de Julião Tavares ora tombava para a frente e ameaçava arrastar-me, ora se inclinava.”

Espaço



Tradicionalmente em sua obra, Graciliano Ramos apresenta espaços que envolvem a seca, os retirantes, o latifúndio, a caatinga. Sua condição social fez com que ele fosse um artista empenhado na vida e no registro histórico de seu tempo. Em *Angústia* especificamente, a cidade de Maceió é escolhida como o palco onde se desenvolve a história sob a égide de duas peculiaridades, ou seja, as realidades humana e social. Com a percepção do que acontece nas mais diversas camadas sociais, a literatura de Graciliano reproduz o dinamismo interior de uma ação. Neste sentido, o personagem Luís da Silva revela a forma como o romancista via a sociedade, porém, o pior lugar para Luís da Silva sempre foi dentro

dele mesmo. Apesar de tudo, foram reunidas, dentro de um máximo de compreensão, suas lembranças, ainda que vindas da memória de um ser cuja alma está a caminho da essência.

Tempo



O tempo cronológico é o século XX, especificamente os anos 1930, logo após o início do primeiro governo de Getúlio Vargas, mas prevalece o tempo psicológico, a ação interior através do fluxo das ideias e dos pensamentos de Luís da Silva. A ação se desenvolve nas frinchas do labirinto composto pelo incessante ir e vir do pensar do personagem narrador.

Personagens

■ Luís da Silva

O narrador da história, apesar de oprimido, mostra-se inconformado, de caráter rude, amargo e decepcionado com o meio em que vive. A preocupação do mesmo com a justiça social acaba sendo por causa da sua inconformidade com sua própria vida, e não com a dos outros.

“Um homem emocionalmente de nervos estilhaçados, 35 anos, funcionário público, homem de ocupações marcadas pelo regulamento.(...) Um sujeito feio: olhos baços, o nariz grosso, um sorriso besta e a atrapalhão, o encolhimento que é mesmo uma desgraça. (...) Habituei-me a escrever, como já disse. Nunca estudei, sou um ignorante, e julgo que os meus escritos não

prestam. (...) Trabalho num jornal. À noite dou um salto por lá, escrevo umas linhas. (...)

A personalidade de Luís da Silva é marcada por tudo o que vivera. Seu histórico de vida, sua precária e pressionada criação e toda a opressão que lhe cercava não o fizeram um homem submisso, que simplesmente abaixaria a cabeça para os contratempos da vida, sem questionar os motivos pelos quais vivia daquela maneira. Seu desejo íntimo era de também oprimir, tanto quanto era oprimido. Quando expressava opiniões sobre pessoas ou mesmo sobre outro assunto, revelava um caráter amargurado e rude, como se durante toda a vida remoesse e ruminasse suas decepções e tristezas. A sua existência poderia ser considerada ordinária, não era relevante para outros, para a sociedade e nem para si próprio, mas seu interior era deveras perturbador, sempre se atormentando por lembranças da infância e frustrações intelectuais

O emprego o faz conseguir ter uma vida razoável, e com um salário baixo, as dívidas se acumulam. Ele vive de forma precária numa casa simples. A vizinhança sempre cuidava da vida alheia. É apaixonado por Marina, que é sua vizinha, e começa um namoro com ela, logo ficando noivos. A parte financeira do personagem começa a piorar ainda mais, sobretudo por conta do fato de agora ter de gastar com o enxoval do casamento.

“Trabalho num jornal. À noite dou um salto por lá, escrevo umas linhas. Os chefes políticos do interior brigam demais. Procuram-me, explicam os acontecimentos locais, e faço diatribes medonhas que, assinadas por eles, vão para a matéria paga. Ganho pela redação e ganho uns tantos por cento pela publicação.”

Luís é extremamente pessimista e cada vez mais adquire fundamentos pessimistas, desejando vingança quando descobre que Marina foi seduzida por Tavares. Ela havia sido feita e utilizada como um objeto fútil e abandonada grávida, enquanto Julião já estava em outro relacionamento. A mágoa, a decepção e o ódio que nutria aumentavam cada dia mais, fazendo crescer em Luís um espírito de vingança.

Assassinar seu concorrente passou a ser para Luís um fluxo do qual ele não podia mais escapar, e nem queria deixar de cometê-lo. Para ele, seria uma questão de honra. Assim, começa a trabalhar a ideia de matar Tavares incessantemente, até concretizá-la estrangulando-o com uma corda. Para simular um suicídio, Luís o pendura pela corda em um galho.

Narrando a própria história, Luís confessa no fim da obra que cometeu o assassinato, não apenas pelo ódio contra o concorrente, mas também por toda a angústia de sua vida – libertando-se do rival ao matá-lo – e pelas decepções que o rondavam. Um narrador emocionalmente abalado, assustado com a dimensão de seus próprios atos, um delírio que, na estrutura, configura-se como desordenação e fragmentação de ideias, tempo que se entrelaça, sem indicação de passado e presente.

Luís da Silva é, enfim, um frustrado violento e cruel que traz em si amargura e negação. Este sentimento volta-se contra ele próprio pela autopunição, e só consegue equilibrar-se assassinando o rival, equilíbrio precário que o deixa arrasado, mas que passa a ser a única maneira de afirmação no mundo.

“Alguns dias depois, achava-me no banheiro, nu, fumando... Abro a torneira, molho os pés. (...)

“O banheiro da casa de seu Ramalho é junto, separado do meu por unia parede estreita. (...)

“Lá estava Marina outra vez nova e fresca, enchendo a boca e atirando bochechos nas paredes. (...)

▪ **Marina**

Marina é um estereótipo das mulheres da época, tão bem retratadas por outros autores, e tem certa futilidade devido às leituras que fazia. De personalidade fraca, se deixa levar pelas situações, pelos interesses, enfim, é mais tida como alvo, prêmio ou posse de Julião e de Luís do que como mulher.

“Se aquela tonta prestasse, estaria ajudando a mãe, ensaboando panos. Preguiça. Estava era lendo besteiras, arrancando cabelos das sobranceiras com a pinça ou raspando os sovacos. A princípio ainda tratara

dos canteiros. Habitara-se depois a levar para ali um romance, que não abria. Conversava. E eu me zangava com as conversas dela, que, como já disse, eram malucas. Zangava-me de verdade. Mas estava ali com os olhos meio fechados, espiando os canteiros e esperando que a mulherinha chegasse.”

Jovem bonita, sensual, vaidosa, volúvel e superficial, além de indolente. Gasta as economias de Luís da Silva a título de preparar-se para se casar com ele. No entanto, com grande facilidade, é seduzida por Julião Tavares, abandonando Luís. Grávida de Julião, é relegada por ele. Aborta clandestinamente, sendo tratada muito mal, escarniada de “puta” e ameaçada por Luís de ser denunciada à polícia.

“Cabelos de milho, unhas pintadas, beijos vermelhos e o perneão aparecendo.”

“Era uma sujeitinha vermelhaça, de olhos azuis e cabelos tão amarelos que pareciam oxigenados.”

▪ **Julião Tavares**

Personagem que possui linguajar rebuscado, com certo exagero na formalidade, fazendo referência à classe social à qual pertencia. Além disso, se mostrava um patriota vazio e sem ideais políticos.

Ele é considerado o antagonista de Luís da Silva. Do ponto de vista físico, é descrito como um tipo forte e gordo, sempre suado e vestido com roupas caras. É bacharel, de razoável cultura, tem veleidades de poeta. Filho de comerciantes, procura se mostrar satisfeito socialmente, sem a rebeldia de Luís da Silva, já que tem interesse pessoal em que as instituições funcionem; afinal de contas, pertence a uma família capitalista, logo, é conservador, católico e reacionário. Individualista, conseqüentemente egoísta, só age em função de seu interesse pessoal, tanto que seduz várias jovens, as quais nada podem fazer contra ele, pois são mulheres de famílias pobres que acreditam em suas promessas de bem-estar, através de sua riqueza. No máximo, ele lhes dá uma pequena quantia de dinheiro para que se calem. Assim acontece também com Marina, namorada de Luís.

“Tudo nele era postiço, tudo dos outros.”

“Conversa vai, conversa vem, fiquei sabendo por alto a vida, o nome e as intenções do homem. Família rica. Tavares & Cia., negociantes de secos e molhados, donos de prédios, membros influentes da Associação Comercial, eram uns ratos. Quando eu passava pela Rua do Comércio, via-os por detrás do balcão, dois sujeitos papudos, carrancudos, vestidos de linho pardo e absolutamente iguais. Esse Julião, literato e bacharel, filho de um deles, tinha os dentes miúdos, afiados, e devia ser um rato, como o pai. Reacionário e católico. – Por disciplina, entende? Considero a religião um sustentáculo da ordem, uma necessidade social.”

▪ **Dona Adélia**

É a mãe de Marina. Queixa-se de tudo e é a responsável, pela “perdição da filha”. Estimula a filha a casar-se, como se fora um arranjo, e joga-a de encontro a Julião, quando descobre que ele é rico, aceitando comida e presentes.

▪ **Seu Ramalho**

Pai de Marina, um velho decente e sistemático, avisa Luís de que a filha não é lá grande coisa. Torna-se amigo de Luís da Silva, quando Marina o abandona para ficar com Julião.

▪ **Seu Ivo**

Seu Ivo é considerado uma alma infeliz que bebe o tempo inteiro e vaga pela rua. Ele sempre vai comer na casa de Luís. É dele que o narrador recebe como presente a corda que enforcará Julião Tavares.

▪ **Moisés**

É um judeu corcunda, amigo de Luís, porém envergonha-se de cobrar o amigo, evitando encontrá-lo na rua. Quando o encontra, recebe uma prestação e diz que elas já se acabaram e restabelece a amizade, estando junto com Luís para discutir assuntos, beber e frequentar a casa. Moisés é socialista, fala pausadamente e é um pessimista inveterado. É poliglota, inteligente e lê jornais com muita rapidez. Tem um tio judeu, dono de loja, com quem trabalha. Vende fiado para Luís, que vai lhe pagando quando pode.

▪ Vitória

Empregada e agregada de Luís. Aparentemente distraída, mas percebe tudo o que se passa a seu redor. Tem o hábito de enterrar suas economias em buracos feitos no quintal, às vezes “roubando” algum dinheiro dele, mas devolvendo-o posteriormente, num gesto sem explicação. Tem, ainda, o hábito de ler a seção dos jornais em que se noticiam chegadas e partidas de navios. Através desse hábito, de alguma forma, queira dizer para o patrão Luís que ele deveria mudar de vida, viajar, ir para outro lugar.

▪ Pimentel

É um amigo de Luís e, como ele, é jornalista e socialista. Muito prático, só conversa ou escreve sobre o que é de fato útil, necessário, portanto é uma pessoa quieta, de pouquíssimas palavras. Faz sempre críticas sérias em suas escritas sobre a sociedade, a política e a sociedade em geral.

▪ Camilo Pereira da Silva

Pai de Luís. Passa dias deitado preguiçosamente em redes, às vezes lendo, outras vezes preparando palha para futuros cigarros. Acaba por dilapidar os poucos bens que sobraram da decadente herança que seu pai Trajano, avô de Luís, deixara. Durante a morte e velório de Camilo, percebe-se o abandono em que fora criado Luís. Esse momento é uma das mais tocantes situações narradas no livro.

▪ Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva

Pai de Camilo e avô de Luís. Fazendeiro rico, porém, já decadente. É um homem de personalidade forte, na contramão do filho Camilo e do neto Luís. Ele não tem inveja e envergonha-se diante de lembranças de certas ações corajosas de Trajano. Acaba seus dias pobre e esclerosado.

produz pouco, já que lhe é comum a perda de razoável parte do seu tempo com reflexões sobre sua vida e sobre a de outras pessoas, com idas e vindas pela casa ou pela cidade, sem objetivo concreto ou útil. É razoavelmente culto, até considerado intelectual, tendo em vista a limitação cultural do meio em que atua, mas extremamente frustrado e revoltado com sua situação. Vive numa moradia simples e suja em um bairro de classe média, convivendo com uma vizinhança constituída de pessoas simples, que o tratam com respeito e com alguma solenidade, por entenderem que ele lhes é superior, considerando-se seu trabalho e o fato de que é um homem que lê.



Apesar de ser um sujeito tímido, inicia um relacionamento com Marina, sua vizinha, jovem, sensual e volúvel. No início da relação, Luís sente algum desprezo por ela por causa da ignorância e dos valores fúteis da moça, porém, aos poucos, ela passa a ter muita importância para ele, não só por representar uma conquista rara no parco cenário de sua trajetória amorosa, em razão da sua timidez e do seu “desajeito” com mulheres, mas principalmente pela atração física que ela exerce sobre “o solitário Luís”; afinal, trata-se de uma mulher bonita, aparentemente fácil e, provavelmente, sexualmente acessível.

“Marina tinha deixado de ver-me à tarde, mas todas as noites a gente se reunia no fundo do quintal. Ela passava pelo buraco da cerca, encostava-se ao tronco da mangueira, e eram beijos, amolegações que nos enervavam.

— Vamos entrar, descansar um bocado, Marina. Já que chegou aqui, dê mais uns passos.

— Você está maluco? Eu vou dar o fora. Qual quer dia a gente mete o rabo na ratoeira. Os velhos

Enredo

“Sou um bípede, é preciso ter a dignidade dos bípedes.”

O narrador da história é Luís da Silva, um funcionário público que escreve para jornais locais, lê muito e ganha pouco, mas, a rigor, profissionalmente também

descobrem tudo, estrilam, e é um fuzuê da desgraça.

— *Deixa disso, Marina, vamos lá para dentro.*

— *Good bye.*

— *Vem cá, Marina.*

— *Vai-te embora, Lobisomem.”*

Num dado momento de sua vida, Luís conhece Julião Tavares, advogado e de família rica. Esse contato, já no início, não agrada a Luís, que de hábito é avesso a contatos sociais, e ele não entende por que não afasta Julião do seu convívio, como já fizera com outras pessoas.

Aos poucos e cada vez mais, o narrador vai sentindo aversão pelo novo “amigo”, pois Julião concentra todas as características e conceitos detestados pelo narrador, ou seja, é exatamente o oposto daquilo que Luís sente e pensa sobre sociedade, religião, política, literatura e demais assuntos. Além disso, Julião Tavares é rico, capitalista, o que contraria a ideologia social de Luís da Silva. Como se não bastasse, Julião tratava todos com uma compreensão condescendente, magnânima, como se fizesse favor em dar atenção aos outros, quando, na verdade, estava concentrado em si mesmo, pois se trata de indivíduo egoísta, sente-se poderoso e se dá grande importância. É conservador, como consequência das atividades comerciais de sua família, já que o *status quo* social e econômico tem conveniências para os negócios de sua família. Enquanto os valores de Luís são ditados por um sentir idealista, logo, mais autêntico e desinteressado pessoalmente, ao menos de acordo com o que ele transparece para o leitor.

Como se não fosse o suficiente essas diferenças, Julião acaba por conquistar Marina pelo fascínio que o seu poder econômico exerce. Porém, Luís já se preparava para casar com a moça, tendo gastado suas poucas economias para que ela comprasse o enxoval. Luís se sente humilhado, entre tantas já vividas, e seu ódio por Julião toma forma definitiva. Alguns meses depois, Julião abandona Marina e ela se dá conta que está grávida do mesmo. Ela fica desesperada e vai até uma parteira e provoca o aborto. Luís descobre, pois a viu entrar e sair na casa da parteira.

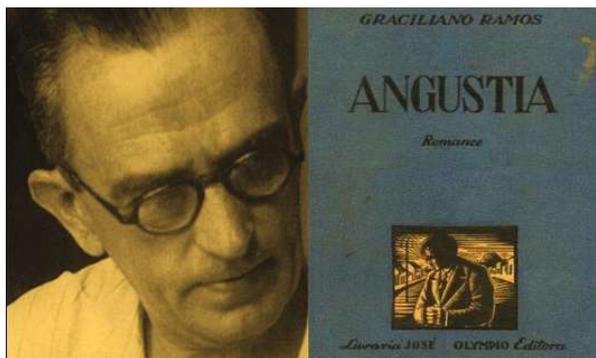
“Ao chegar à rua do Macena recebi um choque tremendo. Foi a decepção maior que já experimentei. À janela da minha casa, caído para fora, vermelho, papudo, Julião Tavares pregava os olhos

em Marina, que, da casa vizinha, se derretia para ele, tão embebida que não percebeu a minha chegada. Empurrei a porta brutalmente, o coração estalando de raiva, e fiquei em pé diante de Julião Tavares, sentindo um desejo enorme de apertar-lhe as goelas. O homem perturbou-se, sorriu amarelo, esgueirou-se para o sofá, onde se abateu.”

Luís, que já não se apresenta muito constante e racional por conta da somatória destes fatores, desequilibrado, decide matar Julião. Luís talvez não tenha consciência, todavia, a morte de Julião poderia fazê-lo readquirir seu próprio equilíbrio anterior a esses últimos acontecimentos, ainda que esse equilíbrio precário o fizesse voltar ao eixo da rotina entediante e mesquinha de até então. Tanto isso é verdadeiro que, durante o assassinato, Luís sente-se forte e importante, desmentindo a própria autoavaliação que sempre se fazia, no sentido de que ele era pessoa insignificante. Luís assassina Julião por enforcamento, de madrugada, numa rua deserta, esperando-o na escuridão e enlaçando-o pelo pescoço com uma corda. Com enorme esforço, por culpa do peso do morto, consegue levantá-lo por um galho de uma árvore, deixando-o pendurado pela corda, com o intuito de simular suicídio. Ferido nas mãos, cansado, sujo e rasgado, lentamente volta para casa. Pede que a empregada Vitória ligue para a “Repartição” avisando que ele não está bem e que não vai trabalhar.

Moisés e Pimentel, que são seus dois únicos amigos, vêm visitá-lo, uma vez que ele fica jogado na cama vivendo intensa angústia, com medo da possibilidade de seu crime ser descoberto e, o pior, ele vir a ser preso e julgado como culpado. Entra em algumas paranoias, como por começar a desconfiar de que está sendo vigiado por quase todos e, em sua cabeça, o passado e o presente começam a ficar confusos e se misturarem. É um processo doloroso para ele, porque, acima de todo esse embaralhar de ideias, sobreleva a síndrome de vir a ser descoberto, preso e condenado, mas ele precisa descansar. Numa espécie de delírio, pessoas com quem ele convivera no passado chegam, e ele as convida para se deitarem com ele em sua cama e descansarem juntos. Luís precisa descansar de seus ódios e humilhações morais, medos e frustrações.

Análise e resumo da obra

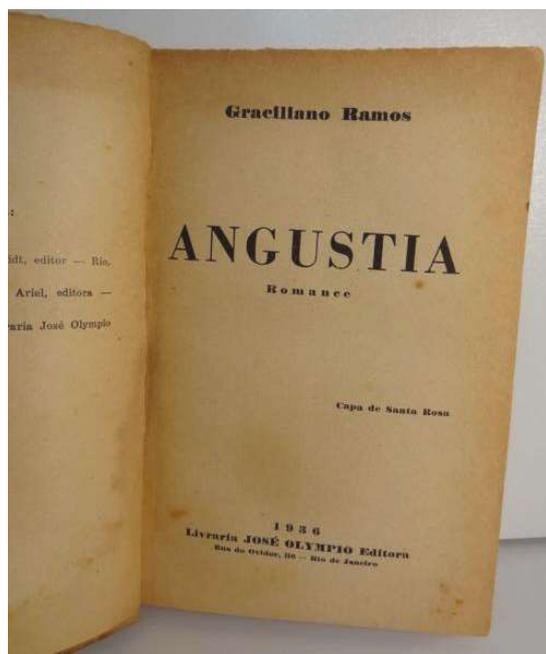


"Lá estão novamente gritando os meus desejos. Calam-se acovardados, tornam-se inofensivos, transformam-se, correm para a vila recomposta. Um arrepio atravessa-me a espinha, inteiriça-me os dedos sobre o papel. Naturalmente são os desejos que fazem isto, mas atribuo a coisa à chuva que bate no telhado e à recordação daquela peneira ranzinza que descia do céu todos os dias."

(*Angústia*, de Graciliano Ramos)

A obra

Angústia é o segundo romance do que chamamos "ciclo memorialista" de Graciliano Ramos; inescrutável e perturbador, não há nele divisão estrutural em capítulos: é escrito como um fluxo confessional de um homem desesperado.



O protagonista

Luís da Silva, protagonista do romance, veio do mundo rural para a capital. Ele é um anônimo qualquer na cidade. Em seu cotidiano medíocre, escreve para o jornal o que lhe pedem, atendendo a encomendas, de forma quase robótica. Ele se considera um intelectual fracassado num mundo sem lugar na prateleira de heróis: vive mediocrementemente, engaveta escritos, não progride nem em sua vida profissional – carregando o fardo de ser um reles funcionário público –, nem em sua vida afetiva – mantendo um noivado prolongado pela falta de condições para a efetivação do casamento. Marina, a noiva, acaba se envolvendo com outro homem, fato que vai desencadear um pesadelo na vida do protagonista.

Interesses sociais

Inserido num mundo onde a voz do dinheiro fala mais alto, afunda-se em dívidas, alugueis atrasados e empréstimos tomados no intuito de agradar a amada, Marina. Ele a pede em casamento, mas ela o deixa por outro mais bem-sucedido, Julião Tavares. Este sim, filho de comerciantes bem-sucedidos, audacioso e competente na arte de ganhar dinheiro. Julião Tavares possui cacife para comprar Marina com todas as ditas que ela deseja: joias, sedas, idas ao cinema e ao teatro.

Ciúmes

O protagonista, Luís da Silva, se vê impossibilitado de conviver com sua rotina desmotivada e passa a conviver com um ciúme crescente que o leva a cometer um crime num forte clima de angústia. Luís acompanha a vida de Marina, como uma sombra, principalmente depois que Julião Tavares a abandona grávida.

Vingança e ódio

Luís vai nutrir um ódio mortal contra Julião, plantando a ideia crescente de que só a morte iria terminar com seu sofrimento e angústia. Julião Tavares representa aquilo que ele não podia ser e, com isso, surge como uma grande ameaça. Luís da Silva persegue seu rival, oprimido pelos acontecimentos, uma vez que seu opo-

nente andava às voltas com nova amante. Seu drama interior faz com ele se sinta diminuído diante da prepotência de Julião Tavares.

Psicologia humana

Após ter cometido o crime, Luís da Silva entra em uma crise psicológica que o angustia. Surge, então, um efeito de circularidade em que o fluxo de consciência vai e vem, fazendo com que o narrador pense de maneira aleatória, indo e vindo de forma não ordenada. A morte de Julião Tavares representa para Luís da Silva uma grande vitória num primeiro momento, porém, em seguida, perde o aparente significado de vitória:

“Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu. Esta convicção afastou qualquer receio de perigo. Uma alegria enorme encheu-me. Pessoas que aparecessem ali seriam figurinhas insignificantes, todos os moradores da cidade seriam figurinhas insignificantes. Tinham-me enganado. Em trinta e cinco anos haviam-me convencido de que só me podia mexer pela vontade dos outros. Os mergulhos que meu pai me dava no poço da pedra, a palmatória de mestre Antônio Justino, os berros do sargento, a grosseria do chefe da revisão, a impertinência macia do diretor; tudo virou fumaça. Julião Tavares estrebuchava.”

APROFUNDE SEUS CONHECIMENTOS

1. (Fuvest) (...) Sem dúvida o meu aspecto era desagradável, inspirava repugnância. E a gente da casa se impacientava. Minha mãe tinha a franqueza de manifestar-me viva antipatia. Dava-me dois apelidos: bezerro-encourado e cabra-cega. (...)

Devo o apodo ao meu desarranjo, à feiúra, ao desengonço. Não havia roupa que me assestasse no corpo: a camisa tufava na barriga, as mangas se encurtavam ou alongavam, o paletó se alargava nas costas, enchia-se como um balão. (...)

Zanguei-me permanecendo exteriormente calmo, depois serenei. Ninguém tinha culpa do meu desalinho, daqueles modos horríveis de cambembe. Censurando-me a inferioridade, talvez quisessem corrigir-me. (...)

O trecho acima, narrado em 1ª pessoa, foi extraído do livro *Infância*, de Graciliano Ramos. O autorretrato lido permite identificarmos uma das personagens importantes do livro *Angústia*, do mesmo autor. Indique-a.

- Camilo Pereira da Silva
 - Moisés
 - Seu Ivo
 - Julião Tavares
 - Luís da Silva
2. Aponte a alternativa em que se encontra uma característica modernista presente no livro *Angústia*, de Graciliano Ramos.
- Atitude crítica em relação a certos valores sociais, como o provincianismo e a falta de cultura.
 - Ênfase a aspectos regionais e a tradições populares.
 - Clara aversão a comportamentos ditados pelo modismo estrangeiro.
 - Violações gramaticais sistemáticas, como forma de desprezo pela língua padrão.
 - Opção pela narrativa linear, cronológica, evitando *flash-backs*.

3. (Unicamp) Leia o seguinte trecho extraído do romance *Angústia*.

Onde andariam os outros vagabundos daquele tempo? Naturalmente a fome antiga me enfraqueceu a memória. Lembro-me de vultos bisonhos que se arrastavam como bichos, remoendo pragas. Que fim teriam levado? Mortos nos hospitais, nas cadeias, debaixo dos bondes, nos rolos sangrentos das favelas. Alguns, raros, teriam conseguido, como eu, um emprego público, seriam parafusos insignificantes na máquina do Estado e estariam visitando outras favelas, desajeitados,

ignorando tudo, olhando com assombro as pessoas e as coisas. Teriam as suas pequeninas almas de parafusos fazendo voltas num lugar só.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 56. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 140-141.

- No momento da narração, a posição social do narrador personagem difere de sua condição de origem? Responda sim ou não e justifique.
- Na citação acima, o termo “parafusos” remete ao verbo “parafusar” que, além do significado mais conhecido, também tem o sentido de “pensar”, “cismar”, “refletir”, “matutar”. Como esses dois sentidos podem ser relacionados ao modo de ser do narrador personagem?
- De que maneira o segundo sentido do verbo “parafusar” está expresso na técnica narrativa de *Angústia*?

4. (UFPR) A respeito de *Angústia*, de Graciliano Ramos, é correto afirmar:

- Este é um volume do famoso ciclo da cana-de-açúcar, em que se narra a vinda de um rapaz do engenho falido do avô, onde fora criado, para a cidade.
- O crime de Luís da Silva nos é apresentado como passional, mas é possível dizer que ele também representa uma desforra social.
- Trata-se de um romance regionalista típico, já que sua ação, passada no sertão alagoano, gira em torno de um crime político muito comum no Nordeste brasileiro.
- Luís da Silva, oriundo de uma família de proprietários rurais, sente-se isolado na cidade, não se enquadrando bem em nenhum círculo social.
- O narrador onisciente em 3ª pessoa permite a exploração psicológica de um crime tanto por parte do assassino, Luís da Silva, quanto da vítima, Julião Tavares.
- Em várias ocasiões, a forma escolhida por Luís da Silva para cometer o assassinato – o enforcamento – é antecipada. Exemplo disso é a semelhança que ele vê entre um cano exposto na cozinha de sua casa e uma corda.
- A personagem principal, Luís da Silva, deseja uma revolução socialista, pois essa revolução pode transformá-lo em alguém mais importante que Julião Tavares.

5. De forma sucinta, destaque as principais diferenças sociais e de personalidade entre Luís da Silva e Julião Tavares.

6. (UDF) Aponte o item que melhor conceitua a obra *Angústia*, de Graciliano Ramos.
- Essa obra complementa *Memórias do cárcere*, do mesmo autor, relativamente às suas memórias, mas sem o seu envolvimento político.
 - Narrativa ficcional de forte tendência psicológica, seguindo o fluxo do pensamento do narrador em 1ª pessoa.
 - A exemplo das narrativas de Jorge Amado e Erico Veríssimo, em *Angústia*, Graciliano Ramos privilegia a ação, de forma a registrar o universo das tradições nordestinas.
 - Em *Angústia*, o autor movimenta as personagens em ações que lhe permitem registrar as relações exteriores entre pessoas de diferentes crenças e origens, como num painel ou palco teatral.
 - Os contos reunidos no volume *Angústia*, de interação psicológica, assemelham-se aos de *Insônia*, do mesmo autor, e a algumas coletâneas de Clarice Lispector.
7. Quatro das frases abaixo são de Luís da Silva, protagonista do livro *Angústia*, de Graciliano Ramos, e, ainda que fragmentadamente, ajudam a compor sua realidade psicológica e social. A quinta frase foi dita pelo antagonista Julião Tavares e mostra uma faceta de sua personalidade. Marque-a.
- À noite fecho as portas, sento-me à mesa da sala de jantar, a munheca emperrada, o pensamento vadio, longe do artigo que me pediram para o jornal.
 - Agarrava a papelada com entusiasmo de fogo de palha. Tempo perdido.
 - Afinal, para a minha história, o quintal vale mais do que a casa. Era ali, debaixo da mangueira, que, de volta da repartição, me sentava todas as tardes, com um livro.
 - Por disciplina, entende? Considero a religião um sustentáculo da ordem, uma necessidade social.
 - A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se.
- últimas atividades compunham a sua situação social no momento registrado pelo texto e lhe davam alguma estabilidade.
- O primeiro significado tem o sentido de mera peça de um mecanismo maior, ou seja, insignificância. O segundo uso remete à estagnação social em que vivia o narrador: girava à volta do seu próprio eixo sem sair do lugar, sem evoluir na escala social, atormentado pelas suas reflexões repetidas sobre seus ódios, ressentimentos e culpas.
 - O pensamento de Luís gira em torno praticamente das mesmas coisas, e uma delas é verdadeiramente uma obsessão, como se fosse uma "ideia-parafuso": o assassinato de Julião Tavares. Essa ideia vai e volta constantemente, até que ele a realiza, o que lhe dá a sensação de algum poder, de não ser, afinal, tão insignificante; quem sabe assim tenha saído do lugar, do buraco em que fora colocado para ficar girando em torno de si mesmo.
4. $02 + 08 + 32 = 40$
5. Luís é pobre, sente-se fracassado e humilhado diante da sociedade; desenvolve rancor e pessimismo em relação a todos que, socialmente, estão em melhor condição que ele, além de criticar quase tudo na sociedade. Ao contrário dele, Julião tem dinheiro e é egoísta, não tendo nenhuma preocupação social em relação aos outros, pois, para ele, conta apenas o seu próprio interesse.
6. C 7. B

Gabarito

1. E 2. A

3.

- Antes do momento narrado no trecho, Luís fora neto de proprietário rural decadente e filho de pequeno comerciante. Órfão, foi socorrido por conhecidos, também pobres. Posteriormente, chegou a ser pedinte, serviu ao Exército, foi mestre-escola, trabalhou como revisor, além de fazer poesias para vender para estudantes, acabando por chegar a funcionário público e redator de jornal. Essas duas

